

# **UMA HISTÓRIA, DIVERSAS POSSIBILIDADES: O TRABALHO COM GÊNERO DA LITERATURA INFANTIL SOB UMA PERSPECTIVA DE ENSINO BILÍNGUE PARA SURDOS NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMILA BARRETO CONSTANTINO FORTES  
HÉRICA MOREIRA RIBEIRO

## RESUMO

O presente artigo traz o relato de uma experiência educacional com duas turmas do 1º ano das séries iniciais do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de surdos – Cap INES, tendo como ponto de partida a utilização da história do gênero da literatura infantil “Chapeuzinho vermelho”. Com objetivo de relatar as estratégias pedagógicas desenvolvidas sob uma perspectiva bilíngue para surdos, e considerando as etapas de ensino por gêneros textuais, como propõe Ramos (2004), desenvolvemos nosso trabalho utilizando as três fases denominadas pela autora: apresentação, detalhamento e aplicação. Nossa motivação inicial para o trabalho com histórias infantis se deu por percebermos que os alunos não se interessavam por livros

e, devido à grande dificuldade em obter a atenção deles durante a contação de histórias, sentimos a necessidade de elaborar estratégias que despertassem o interesse para o gênero literário infantil e que pudessem promover o desenvolvimento linguístico dos estudantes surdos. Os resultados até o momento são exitosos e parciais, pois percebemos que os estudantes passaram a se interessar por histórias infantis, assim como o reconto das mesmas, no qual os discentes por vezes modificam o enredo e/ou criam hipóteses sobre as histórias. Concluímos que devemos dar prosseguimento ao trabalho com títulos infantis, proporcionando a ampliação de práticas de discurso dos estudantes surdos.

**Palavras-chave:** Estratégias de ensino. Surdos. Letramento visual. Chapeuzinho vermelho. INES.

### CAMILA BARRETO CONSTANTINO FORTES

Professora no serviço do primeiro segmento do Ensino Fundamental do INES (SEF1/COAE/DEBASI/INES). E-mail: camilabcfortes@gmail.com.

### HÉRICA MOREIRA RIBEIRO

Professora no serviço do primeiro segmento do Ensino Fundamental do INES (SEF1/COAE/DEBASI/INES). E-mail: hericamorrib27@gmail.com.

## ABSTRACT

*This article reports on an educational experience with two classes from the first year of the initial series of the Application College of the National Institute of Education of the Deaf – Cap INES, starting from the use of the history of the genre of children’s literature “Little Red Riding Hood”. In order to report the pedagogical strategies developed in a bilingual perspective for the deaf, and considering the stages of teaching by textual genres, as proposed by Ramos (2004), we developed our work using the three phases named by the author: presentation, detailing and application. Our initial motivation for working with children’s stories came from the fact that students were not interested in books, and because of the*

*great difficulty in getting their attention during storytelling, we felt the need to devise strategies that would improve the children’s interest for the literary genre and could promote the linguistic development of deaf students. The results are so far successful and partial, as we realize that students have become interested in children’s stories, as well as in their retelling, in which students sometimes modify the plot and/or create hypotheses about the stories. We conclude that we must continue the work with children’s titles, providing the widening of speech practices of deaf students.*

**Keywords:** *Teaching strategies. Deaf people. Visual literacy. Little Red Riding Hood. INES.*

## INTRODUÇÃO

Ao compreendermos que um número considerável de alunos surdos chegam às séries iniciais do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) com experiências limitadas em sua primeira língua (L1) – Libras – devido à falta e/ou ao não estabelecimento de uma efetiva comunicação em casa, acreditamos ser a escola o ambiente propício para o desenvolvimento inicial em sua L1.

Quadros (1997) defende que o ensino para surdos precisa ser bilíngue e as práticas de ensino-aprendizagem utilizadas com esses alunos devem ser diferenciadas, principalmente porque a Língua

Portuguesa se caracteriza como sua segunda língua (L2) e a Língua de Sinais se configura no ambiente bilíngue como língua de instrução.

Com o uso da Libras, os alunos terão a oportunidade de se relacionar com seus pares, de ampliar suas experiências, desenvolvendo sua comunicação, seu conhecimento de mundo e principalmente a construção da sua identidade enquanto sujeito. Partindo desse pressuposto, pensamos que uma das maneiras de explorar o desenvolvimento da linguagem, a interação entre os alunos, o interesse pela leitura e a escrita seria por meio dos

livros de histórias infantis e de suas diversas possibilidades no processo de ensino-aprendizagem.

Abramovich (1995) ressalta que o contato com histórias é importante para a formação de qualquer criança, à medida que “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo” (1995, p.16). A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa e significativa.

As histórias fazem parte da infância, trazem expressões da fantasia e, ao ver, contar e recontar histórias, a criança tem a oportunidade de enriquecer e alimentar sua imaginação. Cadermatori (1994), afirma que através do conto e reconto, a criança pode se identificar com as situações vivenciadas pelos personagens, processo no qual, além de desenvolver sua capacidade de leitura pode também ampliar seu vocabulário e o estímulo à imaginação e criação. A autora ainda ressalta que o uso da imaginação promove a reflexão sobre valores sociais.

## **1. DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA DIDÁTICA**

### **FASE UM: APRESENTAÇÃO DO GÊNERO – PRÉ-LEITURA**

No desenvolvimento das estratégias e na aplicação do trabalho, durante a

primeira etapa, buscamos primeiramente familiarizar os alunos com títulos infantis diversos, apresentando livros com cores e tamanhos diferentes, para que tivessem a oportunidade de explorar as imagens de forma livre e pudessem trocar experiências de leitura das imagens com os amigos de turma, sem interferência do professor. Para aguçar a curiosidade dos alunos, montamos com a ajuda dos estudantes um cantinho da leitura dentro da sala de aula e passamos a frequentar a sala de leitura<sup>1</sup>, realizando a troca dos livros expostos em sala de aula semanalmente, na qual os próprios alunos deveriam selecionar as histórias disponíveis para leitura durante a semana. Reservamos durante algumas semanas os trinta minutos finais de cada aula para que os alunos selecionassem os livros que gostariam de ler, podendo realizar tal atividade de maneira individual, em dupla, ou até mesmo em grupo. Nessa primeira etapa, Ramos (2004) destaca:

[...]A familiarização, por sua vez, envolve a identificação do conhecimento que o aluno já tem do gênero em questão e, caso seja necessário, a disponibilização de acesso às informações necessárias que ele ainda não possui sobre determinado gênero. (RAMOS, 2004, p. 119)

Vale ressaltar que, por se tratar do 1º ano, os alunos se encontram em fase de aquisição de língua, logo, proporcionar atividades que explorem os aspectos da visualidade (CAMPELLO, 2007) torna-se

<sup>1</sup> Sala de leitura – No Setor de Ensino Fundamental (SEF1) dispomos de uma sala de leitura com títulos literários diversos.



**Figura 1** – Alunos do 10 ano fazendo a leitura das imagens de forma livre



**Figura 2** – Alunos do 10 ano fazendo a leitura das imagens de forma livre junto à professora  
Fonte: Arquivo pessoal

fundamental para o desenvolvimento de práticas discursivas. Percebemos que, durante o manuseio dos livros, os alunos fazem a leitura de cada item exposto, narrando exatamente o que veem, sem intenção de elaborar uma narrativa com início meio e fim.

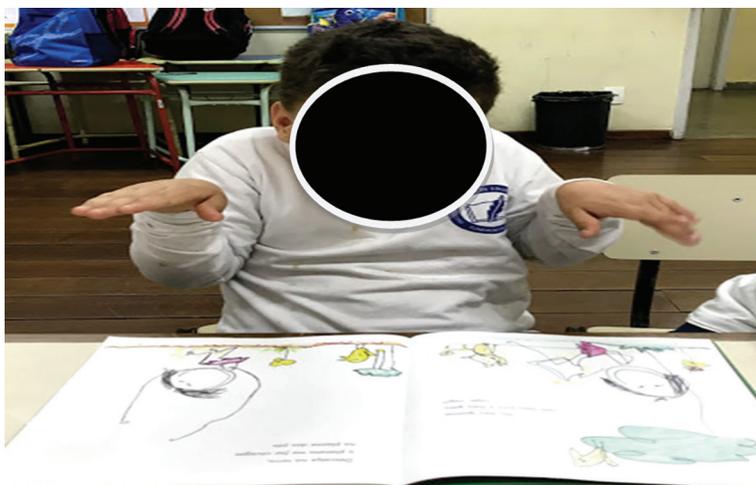
Nas **Figuras 1 e 2**, os alunos manuseiam e exploram livremente os títulos infantis disponíveis em sala de aula.

Com o andamento do trabalho, os alunos passaram a fazer a leitura de toda e qualquer imagem que estivesse disponível. Foi como se percebessem que tudo podia ser lido, não apenas livros.

Na Figura 3, um aluno faz a leitura das imagens de um livro infantil.

## **FASE DOIS: DETALHAMENTO DO GÊNERO – LEITURA DA HISTÓRIA**

Na 2ª etapa, denominada Detalhamento, foi realizada a contação da história infantil “Chapeuzinho Vermelho”, explorada de diversas formas; contada pelas professoras regentes e pelas professoras de Libras, com a utilização de dedoches, vídeos em língua de sinais e também utilizando como recurso um mural temático, com fotos dos alunos caracterizados nos personagens da história.



**Figura 3** – Aluno do 1º ano fazendo a leitura das imagens de um livro infantil  
Fonte: Arquivo pessoal

Nessa fase, procuramos apresentar a história infantil de diversas maneiras, com versões diferentes, reconto por parte dos alunos etc. De acordo com Ramos (2004), nessa etapa, são abordados aspectos específicos do gênero trabalhado, no qual a função do professor é guiar o desenvolvimento das atividades em seu aspecto discursivo, explorando o texto em suas potencialidades, visando à organização de informações, à compreensão e aos aspectos linguísticos do texto.

Na **Figura 4**, a capa do livro infantil “A Chapeuzinho Vermelho”, que foi trabalhado junto aos alunos.

A história “Chapeuzinho Vermelho” foi utilizada como base na proposta de trabalho com os estudantes por acreditarmos ser uma história conhecida popularmente. Muitos discentes já conheciam os personagens e suas características.

Na **Figura 5**, as professoras regentes contam para os alunos a história “Chapeuzinho Vermelho” utilizando livros com versões diferentes.



**Figura 4** – Capa do livro de história infantil “A Chapeuzinho Vermelho”.  
Fonte: PERRAUT, 2012.



**Figura 5** – Professoras regentes contando a história "Chapeuzinho vermelho"  
 Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo do desenvolvimento do projeto, percebemos que o tempo de concentração e atenção dos alunos foi ampliando gradativamente, à medida que a contação de histórias passou a fazer parte da rotina escolar. A seguir, a história apresentada em Libras (vídeo).

A **Figura 6** mostra a apresentação aos estudantes da história em Libras.

Apresentamos aos estudantes, vídeos de histórias contadas em língua de sinais com versões em que o enredo foi par-

cialmente modificado, procurando desenvolver com os alunos a identificação de elementos que diferenciassem uma versão da outra. Percebemos que os alunos se atinham às características físicas dos personagens principais, estabelecendo também relação entre as ações dos personagens.

Na **Figura 7**, o livro de história tem como recurso a datilografia do texto escrito e as imagens são acompanhadas de sinais em Libras.



**Figura 6** – História em Língua de Sinais  
 Fonte: <http://www.ebc.com.br/infantil/galeria/videos/2012/11/historias-infantis-em-libraschapeuzinhovermelho>



**Figura 7** – Livro da “Chapeuzinho Vermelho” em sinais.  
 Fonte: Honora, 2010

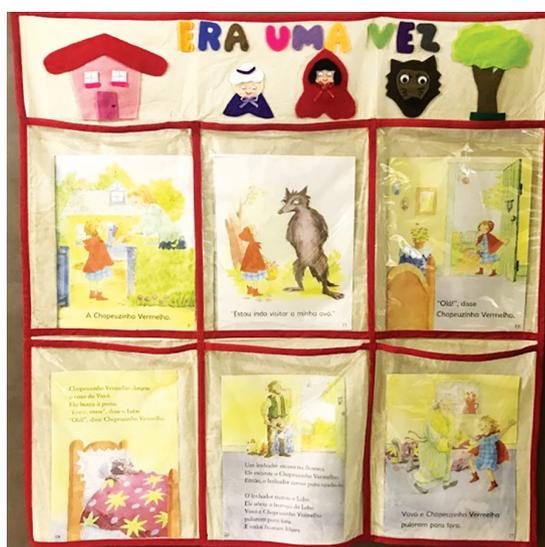
Foram propostas também atividades de interpretação das diferentes versões impressas da história, sempre com o registro do seu entendimento por meio de desenhos feitos pelos alunos. Após cada atividade, os alunos eram convidados a explicar aos demais colegas o que haviam desenhado.

As potencialidades didáticas foram amplamente exploradas, tendo como recurso os nomes dos personagens da história infantil associados às imagens (fotos) dos alunos caracterizados, para que os discentes pudessem identificar palavras no texto em Língua Portuguesa, associando sua própria imagem ao personagem em questão. É importante ressaltar que a contextualização entre L1 e L2, assim como a estrutura de ambas as línguas com estudantes que começaram a ter contato com a Libras no ambiente escolar, necessita de um trabalho pautado no fortalecimento inicial da L1 dos alunos.

Góes (1996) e Quadros (1997) destacam que o bilinguismo é uma proposta de ensino que considera a Libras como

a primeira língua dos surdos, devendo ser aprendida o mais cedo possível, e a Língua Portuguesa escrita, como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Libras, baseando-se em técnicas de ensino de segundas línguas.

A seguir, a **Figura 8** mostra o painel com a organização sequencial das principais partes da história, organizado pelos alunos com a mediação das professoras regentes.



**Figura 8** – Organização sequencial das imagens da história “Chapeuzinho vermelho”  
 Fonte: Arquivo pessoal



**Figura 9** – Algumas das leituras utilizadas em que o enredo mudava parcialmente  
 Fonte: Arquivo pessoal

Foi explorada junto aos alunos a ordem dos acontecimentos da história, na qual os estudantes tiveram a oportunidade de organizar as imagens em grupo e discutir a sua organização, selecionando apenas seis fatos mais importantes, para que fossem colocados em destaque no quadro temático.

### **FASE TRÊS: APLICAÇÃO DO GÊNERO – PÓS-LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL**

Na 3ª etapa, denominada Aplicação, exploramos junto aos alunos outras versões da história, nas quais o título e/ou enredo foram parcialmente modificados, levando-os à identificação de mudanças e semelhanças entre as histórias apresentadas.

Os alunos também utilizaram fantasias e outros recursos para recontar e dramatizar a história. Entre as atividades desenvolvidas, trabalhamos os seguintes conteúdos curriculares: identidade,

interação entre os alunos, cooperação, respeito à diversidade, escrita, quantificação, sequência, temporalidade, corpo humano, animais e localização. Após as atividades, percebemos que os alunos passaram a fazer associações, relacionando muitos fatos das histórias com seus contextos sociais, além de mostrar significativa ampliação do vocabulário.

Essa etapa é descrita por Ramos (2004) como a mais importante, por ser considerada a fase na qual os alunos fazem a consolidação da aprendizagem, articulando todo trabalho realizado nas fases anteriores.

A **Figura 9** mostra as capas dos livros encontrados pelos alunos na sala de leitura cujos título e/ou imagens possuíam alguma referência com a história principal.

Durante as visitas realizadas semanalmente à sala de leitura, percebemos que os estudantes passaram a prestar mais atenção aos livros que estavam expostos,

e faziam em sua maioria, além da leitura das imagens, a leitura de algumas palavras em Língua Portuguesa, relacionando-as à história Chapeuzinho Vermelho. Os títulos chamaram a atenção devido a algumas palavras remeterem ao texto trabalhado originalmente, como chapéu, vermelho e lobo.

A **Figura 10** mostra o mural interativo construído coletivamente com as duas turmas do 1º ano. Os discentes tiveram a oportunidade de contar a história utilizando como recurso as imagens dispostas no mural.

Os alunos tiveram a oportunidade de contar a história criando sua própria versão, utilizando as imagens do mural para interagir durante a contação. Alguns estudantes optaram por contar a história em pequenos grupos, para que cada personagem pudesse interagir em tempo real.

Autores como Quadros (1997) e Campello (2007) defendem a importância da visualidade no ensino de surdos. Basean-

do-se na premissa de que toda imagem pode ser lida, podemos nos reportar ao Letramento Visual como práticas sociais e culturais de leitura e entendimento da imagem, primordiais no processo educacional dos estudantes surdos e para o desenvolvimento das três fases de ensino por gêneros. Ramos (2004) ainda ressalta a função comunicativa e social proposta nas fases:

Além disso, esta proposta deixa evidente minha preocupação em explorar, no decorrer das três fases de implementação, a função social, o propósito comunicativo e a relação texto-contexto, visando a desenvolver um trabalho, que, partindo das necessidades dos alunos, propicie a realização de atividades socialmente relevantes, utilizando a língua-alvo em uma situação real na qual conhecimento linguístico, genérico e social são construídos. Em suma, que propicie ao aluno fazer uso da linguagem como prática social. (RAMOS, 2004, p.126)

As **Figuras 11** apresentam os alunos caracterizados nos personagens da história infantil "Chapeuzinho Vermelho" para a dramatização e o reconto.



**Figura 10** – Mural interativo da história "Chapeuzinho Vermelho"



**Figura 11** – Com a professora regente trabalhando a L2  
 Fonte: Arquivo pessoal

As professoras organizaram uma dramatização da história trabalhada em sala de aula e trouxeram objetos para que os alunos pudessem ser caracterizados, reproduzir a história da maneira que haviam compreendido.

Na **Figura 12**, após a dramatização e reconto da história na L1 dos alunos, foi trabalhada a Língua Portuguesa como L2.

No trabalho com alunos do 1º ano, entendemos que os mesmos estão começando a compreender que tudo à sua volta tem um nome e um sinal,

logo, procuramos desenvolver estratégias que os levassem a estabelecer relações entre as imagens e o texto escrito em Língua Portuguesa, sempre de forma contextualizada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com histórias infantis é fundamental para o letramento das crianças surdas, pois se configura como uma prática importante para seu desenvolvimento cognitivo e emocional, principalmente por proporcionar sua



**Figura 12** – Com a professora regente trabalhando a L2  
 Fonte: Arquivo pessoal

imersão em atividades que promovam a leitura, a escrita, o conto e reconto de histórias, oferecendo-lhes possibilidades de interação em sua L1, ampliando, assim, os conhecimentos e desenvolvendo habilidades sociais importantes, como autonomia, criatividade e construção da identidade.

Como educadoras de alunos surdos, cientes da necessidade de um trabalho que desenvolva as potencialidades dos alunos considerando os aspectos culturais, foi pensado o trabalho com a história “Chapeuzinho Vermelho” dividido em fases como forma de repensar o modo como são organizadas, oferecidas e aplicadas as práticas pedagógicas junto aos alunos.

Dentre os desafios encontrados, destacamos a baixa frequência dos alunos, o que dificultou a realização das atividades em sequência para alguns alunos. Ainda assim, os resultados foram exitosos, sina-

lizando a importância do trabalho contínuo com histórias do gênero da literatura infantil. Os alunos se sentem mais confiantes em suas narrativas e passam a contar e criar histórias com mais frequência, fato inédito, uma vez que antes não se sentiam seguros em narrar acontecimentos, por não conseguirem eventualmente externar suas impressões sobre algum fato, devido ao pouco vocabulário linguístico. Percebemos que os estudantes passaram a desenvolver estratégias quando não sabiam algum sinal específico, o que consideramos um ganho social.

Concluimos que devemos prosseguir com o trabalho com histórias da literatura infantil, sob uma perspectiva de estimular as potencialidades dos discentes surdos, principalmente em sua primeira língua, a Libras, a fim de formar indivíduos mais críticos e atuantes socialmente.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1995.

CADEMARTORI, L. O. *O que é literatura infantil?* 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPELLO, A. R. Pedagogia visual; Sinal na educação dos surdos. IN: QUADROS, R. M. & PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos surdos II*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

GÓES, M. C. *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

HONORA, M. *Chapeuzinho vermelho*. Editora: Ciranda Cultural, 2010.

RAMOS, R. C. G. Gêneros textuais: uma proposta de aplicação em cursos de inglês para fins específicos. *The ESpecialist*, v. 25, n. 2 (107-129), 2004.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PERRAUT, C. *Chapeuzinho vermelho*. Editora: Babel, 2012.

**DIVULGAÇÃO**

[www.ines.gov.br/coines](http://www.ines.gov.br/coines)

**COINES**



**CONGRESSO  
INTERNACIONAL  
E SEMINÁRIO  
NACIONAL  
DO INES**

